

sandeville jr., euler; siqueira, rafael gustavo silva; nebesnyj, larissa. - por espaços de cultura livre e ativa

Laboratório Espaço Público e Direito à Cidade
Núcleo de Estudos da Paisagem, FAU USP

5511 3891 4577

labcidade@gmail.com

http://espiral.net.br



Cidade Universitária
Rua do Lago, 876
05508.080 São Paulo SP Brasil

POR ESPAÇOS DE CULTURA LIVRE E ATIVA NA CIDADE DE SÃO PAULO

SANDEVILLE JR., Euler; SIQUEIRA, Rafael Gustavo Silva; NEBESNYJ, Larissa.

Resumo

Este texto pretende abordar o trabalho colaborativo desenvolvido entre o Coletivo Cicas (Centro Independente de Cultura Alternativa e Social) e Núcleo de Estudos da Paisagem (NEP-USP) do Laboratório Espaço Público e Direito à Cidade da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, buscando esclarecer a atuação do NEP-USP a partir do entendimento de aprendizado em ação, descrevendo o processo de trabalho desenvolvido com o Coletivo e as interfaces estabelecidas com o poder público, outros alunos interessados e atores sociais ativos no espaço delimitado.

como citar:

SANDEVILLE JR., Euler, SIQUEIRA, Rafael, NEBESNYJ, Larissa Elize. Por Espaços de Cultura Livre e Ativa na Cidade de São Paulo In: A Cultura em Luta pela Paz ed.São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 2011.

obs: esta versão pode conter pequenas diferenças da versão publicada

O Laboratório Espaço Público e Direito à Cidade (LabCidade) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo é estruturado a partir de dois núcleos de pesquisa: o NEP-USP - Núcleo de Estudos da Paisagem (espiral.net.br) sob coordenação do Prof. Euler Sandeville e o Núcleo Direito à Cidade sob coordenação da Profa. Raquel Rolnik. O NEP-USP desenvolve duas linhas de ação principais que se interpenetram: uma voltada para estudos sobre história da paisagem, em sua relação com a cultura, as artes e o projeto, e outra voltada para pesquisas sobre as condições contemporâneas de transformação da paisagem, considerando abordagens sistêmicas, participantes e artísticas.

O objetivo central desta segunda linha, da qual trataremos aqui, é desenvolver pesquisas, disciplinas, oficinas e processos experimentais e colaborativos, envolvendo alunos, moradores, instituições e outros sujeitos sociais interessados nesses projetos. Os processos desencadeados envolvem metodologias participantes e de ação, voltados para a interpretação e transformação qualificada do espaço urbano e dos espaços de uso coletivo. Os trabalhos fundam-se na proposição da Espiral da Sensibilidade e do Conhecimento, na conceituação da Paisagem como experiência partilhada e socialmente construída¹, e na proposição de experiências de aprendizagem em paisagens vivenciadas (espiral.net.br). O conhecimento e o aprendido são entendidos como uma construção partilhada e experimental de saberes e práticas, em contínua reconstrução. As vivências do laboratório em situações que fogem da teoria e vão para a cidade como espaço de aprendizado e de pensamento são enriquecedoras, aguçam a sensibilidade de cada pesquisador, permitindo um rico processo de aprofundamento dos pressupostos adotados pelo Núcleo.

Busca-se estabelecer acontecimentos coletivos de vivência e pensamento, em uma relação dinâmica e criativa entre Universidade, cidade e cidadãos, transformadora de parte a parte. São atividades de aprendizagem, pesquisa e “ação”². Esta afirmação merece um esclarecimento, pois normalmente o que estamos chamando de ação é denominado na Universidade por Extensão. Concordamos entretanto com as objeções de Paulo Freire³ a esse conceito: *“Na medida em que, no termo extensão, está implícita a ação de levar, de transferir, de entregar, de depositar algo em alguém, ressalta, nele, uma conotação indiscutivelmente mecanicista”*, e:

“Este é um modo estático, verbalizado, de entender o conhecimento, que desconhece a confrontação com o mundo como a fonte verdadeira do conhecimento (...) O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o 'como' de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato”.

Não fazemos distinção entre ensino, pesquisa e a chamada extensão em nossos projetos⁴, que são de ação colaborativa e não de *extensão* ou transferência de conhecimentos. As atividades são direcionadas à transformação e apropriação do espaço urbano, da paisagem e do espaço livre, através de processos coletivos, participativos e de gestão partilhada. Pretende-se contribuir para avaliar e subsidiar a elaboração de políticas públicas e projetos na direção da defesa do direito à cidade em seus aspectos

1 SANDEVILLE JR., Euler. Paisagens e métodos. Algumas contribuições para elaboração de roteiros de estudo da paisagem intra-urbana. In Revista eletrônica Paisagens em Debate, FAU. USP, v. 2, p. 1. 2004a.

2 SANDEVILLE JR., Euler. Participação e universidade. Universidade e participação In: Seminário Nacional Paisagem e Participação: Práticas no Espaço Livre Público, São Paulo, 2007c; SANDEVILLE JR., Euler. Paisagens vivenciadas, educação-pesquisa-aprendizado em ação. Anais do 10 ENEPEA - Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura. Porto Alegre: PUCRS, 2010b.

3 FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? São Paulo: Paz e Terra, 2010. [1968, Santiago]

4 Não se entenda por isso uma negação das aulas expositivas, do domínio de técnicas, e outras formas de ensino e aprendizagem, que também são necessárias e as utilizamos em vários projetos, pois a questão não está nos procedimentos em si nem em sua fragmentação ou oposição, mas na prática como se estabelecem e a que levam.

urbanísticos, ambientais, artísticos e pedagógicos. Para tanto, desenvolvemos vivências na paisagem e programas de ação conjunta de diagnóstico e proposição, centrais ao processo de formação para atuar no habitat socialmente produzido, aliadas a problematizações de natureza teórica e a discussões realizadas em comum para a construção dessas experiências. Em uma frase: espera-se aprender em ação com outros parceiros.

Esta posição assumida pelo Núcleo propõe uma inserção ativa e criativa da Universidade pública diante das demandas sociais e ambientais urgentes, e solidária a grupos sujeitos a situações de preconceito ou exclusão social, e colaborativa com grupos autônomos de ação no espaço urbano e culturais. Sem negar-lhes espaço, não se busca apenas a publicação e o estudo bibliográfico como direcionadores de pesquisa, pré-requisitos essenciais ao pesquisador da USP. O que se pretende, na diversidade de ações e procedimentos adotados, é contribuir para a formação crítica de um profissional criativo, formado também no diálogo com a realidade e outros atores sociais que efetivamente a desenham. Este deve ser sensível ao concreto, às condições reais e à interlocução sensível e respeitosa com os envolvidos, na busca por um conhecimento empírico e compartilhado entre as partes.

O NEP/LabCidade tem desenvolvido alguns projetos experimentais, envolvendo disciplinas optativas e trabalhos em parceria com pessoas e instituições externos à Universidade, como o “Projeto Pirajussara”⁵, o “Projeto Aricanduva”⁶, o “Projeto Pedra Grande” (<http://espiral.net.br/arquivos/e-pedragrande/projeto-ATIBAIA>), o “Projeto Heliópolis”⁷ (<http://paisagemheliopolis.wordpress.com>), o projeto “À Margem do Cinema. Vidas Imaginadas na Brasilândia” (cinemabrasilandia.wordpress.com, chao.net.br). A aproximação do Laboratório Espaço Público e Direito à Cidade (Labcidade) com o CICAS deu-se a partir de ação unilateral e arbitrária da Subprefeitura Vila Maria / Vila Guilherme, que começou a executar o despejo do CICAS à revelia de qualquer processo legal nesse sentido. Essa ação precipitada e irrefletida do órgão público, desconhecendo a história do lugar, tinha por objetivo a criação de uma praça onde já havia bem mais do que isso, e sem enfrentar as reais dificuldades socioambientais desse entorno. Esses procedimentos iniciais do agente público levaram a uma série de manifestações de apoio ao CICAS. A natureza do projeto do CICAS, sua forma de gestão colaborativa e ação educativa que formam o compromisso do grupo em área carente no Jardim Julieta, levou à aproximação com o Núcleo de Estudos da Paisagem.

O Centro Independente de Cultura Alternativa e Social, situado muito apropriadamente na Avenida do Poeta, é um coletivo que ocupou um espaço sem uso (abandonado, em terras públicas pertencentes à Subprefeitura Vila Maria/ Vila Guilherme) e atua em redes de cooperação com outros coletivos da Zona Norte. Realiza atividades de educação popular, ambiental e recreativas, inclusive fomentando debates acerca das transformações da

5 SANDEVILLE JR., Euler. Fórum Permanente da Paisagem: Bacia Pirajussara. Revista do Programa de pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU USP, v. 21, 2007.

6 GONÇALVES, Fábio Mariz. *A Cooperação entre a FAUUSP e a Subprefeitura do Aricanduva para o Projeto de espaços livres - relato de uma experiência em andamento*. In: Anais do 8º ENEPEA Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil, 2006, São Paulo.

7 SANDEVILLE JR., Euler. Aprender sobre a cidade ou aprender com a cidade? Projeto Arte no Heliópolis (2009). Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, v. 1, p. 70, 2010.

paisagem. Sua inserção se dá em uma região de fragilidade social, cujo entorno próximo é de uso predominantemente habitacional, de baixa e média renda, com favelizações dispersas entre a rodovia Fernão Dias e o córrego Cabuçu. Ladeando o Cicas, há um Terminal Informal de Cargas, que acaba sendo, nas apropriações nos espaços contíguos, um polo indutor de uso de drogas, prostituição infantil e marginalização.

Próximo à praça do CICAS há um campo de futebol mantido por um grêmio regional, que possui sua sede no mesmo conjunto em que o Cicas se situa, contudo em um bloco à parte. O setor urbano tem uma carência de equipamentos educativos, de lazer e recreação para a comunidade, sendo o Cicas um meio alternativo de acolhimento desta população. A permanência do Cicas foi e está sendo fortemente ameaçada pelas ações da subprefeitura no local. Estas, definitivamente, não resolverão os problemas sociais e urbanísticos, podendo inclusive agravar as condições de uso desse espaço e levar a uma próxima deterioração na ausência de um programa de uso correspondente. Ao passo que o Cicas vem realizando um trabalho reconhecido no meio cultural, inclusive pela Secretaria de Cultura da mesma Prefeitura de São Paulo (já obteve dois projetos aprovados pelo VAI - Valorização de Iniciativas Culturais - sendo vigente o CICAS GRAVE II), muito compatível com a realidade local.

Enxergamos ser vital a atuação de grupos independentes e coletivos culturais em bairros periféricos para a construção de uma cidade mais democrática e acessível⁸. Assim, fizemos uma visita ao CICAS, com a intenção de iniciarmos uma parceria, e percebeu-se que o trabalho social e cultural do grupo era muito interessante – especialmente nesta região sensível, carente de espaços educativos e culturais e sujeita a um contexto regional complexo. Formou-se então uma parceria no sentido colaborar na mediação e no diálogo institucional entre o CICAS e as instâncias da prefeitura envolvidas e para a elaboração de um projeto de adequação arquitetônica da sede do coletivo no espaço por eles ocupado na Praça Padre João Bosco Penido Burnier.

8 MESQUITA, André. *Insurgências poéticas – Arte ativista e ação coletiva*. São Paulo: Annablume Editora, 2011.

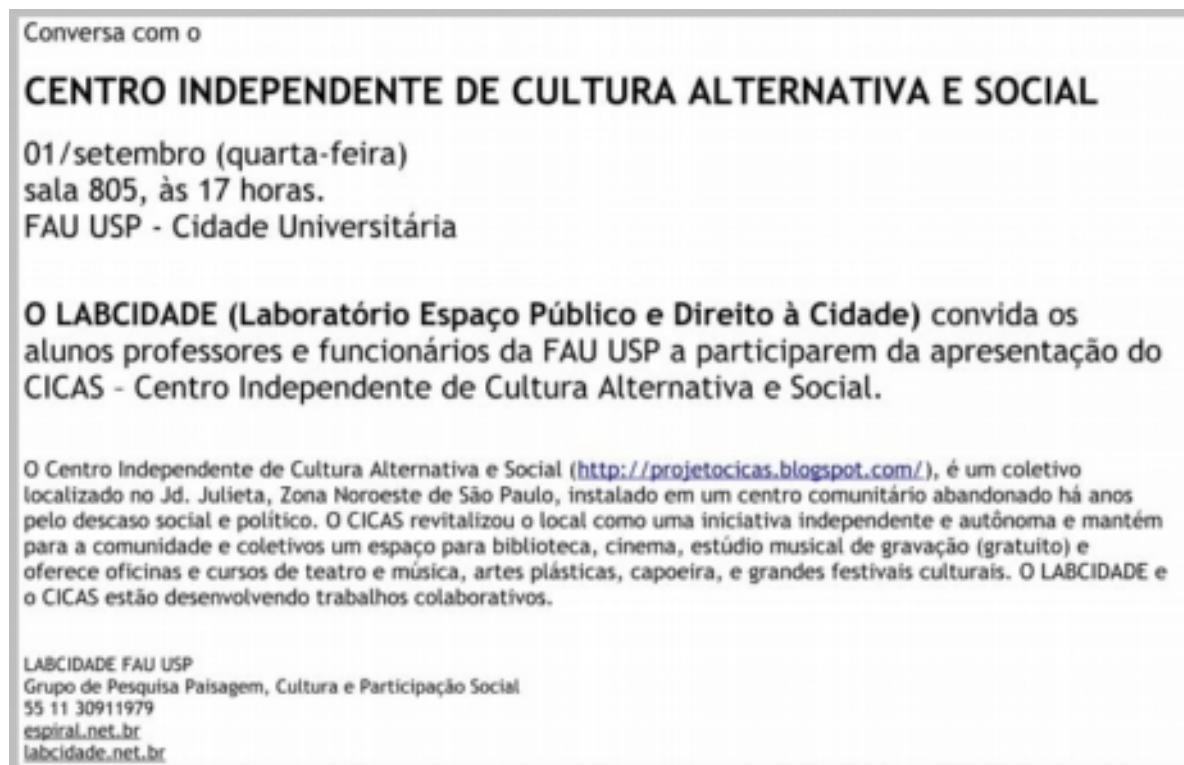


figura 1: Cartaz de divulgação da apresentação do CICAS para a comunidade FAU USP

A atuação do Labcidade/NEP visou desenvolver, em parceria com o CICAS, um projeto arquitetônico e paisagístico mais amplo e inclusivo, de requalificação ambiental da área, que possibilitasse a consolidação das atuais atividades e sua ampliação. A primeira etapa desse projeto foi o de procurar uma solução arquitetônica para a sede, ainda em curso, e a segunda etapa seria a busca de alternativas de soluções paisagístico-ambientais para sua inserção urbana, considerando uma avaliação de potencialidades de paisagem, conflitos, formas de uso e outros estudos. Uma das premissas na primeira etapa foi a de proporcionar um espaço arquitetonicamente instigante, que mantivesse a memória do espaço atual, a história de um espaço ocupado por uma ação independente permanecesse inscrita da solução de reforma do edifício. Ao mesmo tempo, buscava-se nova leitura do lugar como centro de referência da cultura alternativa e da ação social solidária que caracteriza o histórico do CICAS na região.

O estudo arquitetônico que apresentou-se com o pedido de cessão da área (através do Decreto 47.146/06) foi elaborado⁹ a partir de um processo colaborativo de discussão do espaço e das necessidades de uso projetadas, além de reuniões com a Subprefeitura de Vila Maria / Vila Guilherme e com a Secretaria Municipal de Cultura, que viria depois a encampar a ideia do projeto. As decisões projetuais e o processo de trabalho foram elaborados a partir de uma metodologia coletiva, criativa, em que os integrantes do Cicas pudessem compartilhar as demandas e anseios reais para o novo espaço, além de recriar

⁹ Participaram pelo NEP-USP os autores deste trabalho, em estrita parceria com o CICAS e em diálogo com os órgãos públicos.

e readequar o próprio processo. Internamente ao NEP-USP o processo de trabalho operou também em todas as etapas de levantamento, reuniões com órgãos públicos e desenvolvimento projetual em um processo coletivo de trabalho.

Apesar da utilização dos procedimentos usuais de desenvolvimento de projeto arquitetônico, o meio para consegui-lo não foi considerado usual. Buscou-se num primeiro momento a formulação de um Programa de Necessidades com diversos integrantes de grupos que atuam no espaço do CICAS. As reuniões foram promovidas e conduzidas pelo CICAS, a partir da proposição, aceita pelos participantes, de um roteiro de perguntas e respostas. A partir deste levantamento, foi possível a discussão também coletiva da setorização dos espaços, etapa anterior ao projeto, que determina em blocos de atividades os espaços que possuem maior integração e correlação.

O anteprojeto visou o máximo de aproveitamento da estrutura física já existente no local, mantendo sua identidade e sua memória, procurando soluções de baixo custo e mínima demolição nas estruturas já existentes. Pretendeu-se como diretriz do partido ampliar a flexibilidade e conectividade dos espaços internos e criar uma integração entre interior e exterior que hoje é inexistente, mas que é necessária para uma apropriação mais rica e integrativa da sede. A adaptação de visuais, acessos e da área externa pretendeu atender as atividades e interesses da comunidade no local. Como diferencial do partido adotado, está a articulação mais intensa dos dois blocos atuais e sua ampla abertura aos espaços externos.

Incluímos também a previsão de construção por modos alternativos e experimentais de sistemas ambientais para reuso da água, captação de energia solar, reciclagem etc.. Nesse sentido, a horta orgânica e áreas de reciclagem, minhocário e outras atividades pretendidas pelo CICAS, e fundamentais para educação ambiental, são incorporadas no projeto através do zoneamento das áreas externas.

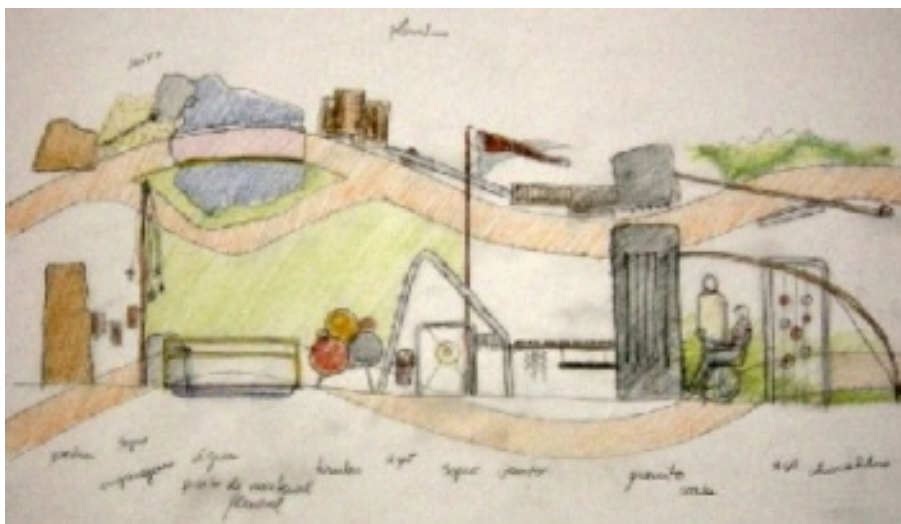


figura 2: esquema conceitual das oficinas de criação para área externa da Espiral da Sensibilidade e do

Conhecimento

A proposta para as áreas externas foi colocada nessa fase apenas em nível indicativo, prevendo um projeto paisagístico que seja realizado em oficinas colaborativas de criação e execução, lúdicas e celebrativas, seguindo a proposição original da Espiral da Sensibilidade e do Conhecimento (figura 2). A definição programática é de que seja um espaço voltado para criação de oficinas ao ar livre e espaços lúdicos. Como diretriz, fica uma integração de pisos entre interior e exterior, valorizando as aberturas já indicadas e a substituição do playground convencional por espaços lúdicos e sensoriais, criados nas referidas oficinas, com reuso de materiais e outras técnicas de trabalho, conforme projeto da espiral da sensibilidade e do Conhecimento (2003, disponível em espiral.net.br).



figura 3: planta de uso atual



figura 4: requalificação do espaço – proposta

Durante esse processo, a Secretaria Municipal de Cultura (SMC) interessou-se em encampar a transformação do CICAS em um Centro Cultural com cessão de uso para o CICAS. A partir daí, foi feito um novo projeto em conjunto NEP-USP/ SMC (Arquitetos José Rollemberg, Euler Sandeville, Leon Yajima, Wanderley Ariza; estagiários Berta de Oliveira e Gustavo Meirelles, bolsista Rafael Siqueira, com participação de Luiz Carlos Sendro Junior e Roger Duran, cabendo à Secretaria de Cultura o desenvolvimento do projeto básico e seu encaminhamento na estrutura administrativa municipal. O novo projeto partia do projeto elaborado pelo NEP-USP, reelaborando a proposição para atender às novas possibilidades programáticas surgidas.

sandeville jr., euler; siqueira, rafael gustavo silva; nebesnyj, larissa. - por espaços de cultura livre e ativa



figura 5: segundo estudo de implantação – NEP-USP/ SMC GAB NUPEC

O trabalho está em andamento, no momento (jan-maio de 2011) encontrando-se em um contrapasso de espera. No entretanto, podemos avaliar alguns resultados obtidos da parceria com o CICAS. Resultou em um vínculo sensível entre os pesquisadores e o coletivo, além da nossa aproximação com os problemas reais da cidade. Os desafios de projeto e da própria criação do processo de trabalho foram enfrentados através, justamente, desta colaboração que existiu entre ambas as partes, como o que se tinha de premissa: uma conversa horizontal. Os processos colaborativos, a sensibilidade e arte, estudados teoricamente no âmbito do laboratório como no grupo de estudos de Paulo Freire, entre outros, mostraram-se em atuação prática um processo enriquecedor de trabalho e estimularam pesquisadores e alunos a buscar novos trabalhos e campos colaborativos. O NEP continua sendo parceiro do CICAS e existe a pretensão de participar, inclusive em outras instâncias, de seu crescimento e fortalecimento.



figura 6 e 7: alunos da FAUUSP em reunião colaborativa sobre os Programas de Uso. set/2010 e no Festival de Aniversário do CICAS, mar/2011.

Além disso, trazer grupos independentes para discussão na faculdade traz indagações à Universidade e são frutíferas para ambas as partes. O processo de trabalho com o CICAS demonstrou a importância da interação entre a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e o grupo atuante. Somado às reuniões também no espaço do laboratório, o coletivo

fez apresentação de seu trabalho na FAUUSP, que resultou em interesse de outros alunos da graduação na temática e no trabalho do grupo, e um projeto de iniciação científica a ser desenvolvido por Rafael Siqueira. O projeto de iniciação pretende estudar a transformação da paisagem no Jardim Julieta, território onde o Cicas se situa, contudo abordando outros atores sociais importantes, no anseio de estabelecer um quadro complexo de construção social desta paisagem. Da mesma forma, docente e alunos da Faculdade visitaram o Cicas e participaram de algumas atividades recreativas – oportunidade esta que possibilitou maior troca de experiências e aprendizado em ação. A exemplo de outros trabalhos que desenvolvemos nesse sentido, o contato com o real é fundamental para a compreensão das dinâmicas urbanas, para a formação de valores fundados em vínculos solidários e sensíveis, para a construção de uma visão humanista e ativa de profissionais e da população.